

## K para Des-Kolonização: Nacionalismo Anticolonial e a Reforma Ortográfica

MEGAN C. THOMAS

■ Por volta de 1890, as iniciais “KKK” ou por vezes somente a letra “K” se tornaram emblemas da fraternidade revolucionária que desafiou o Estado colonial Espanhol, nas Filipinas. As letras representavam o nome mais longo e formal da “*Kataastaasan Kagalang-galang na Katipunan ng mga Anak ng Bayan*” [Maior e mais respeitada sociedade de Filhos do país], mas o grupo sempre foi conhecido simplesmente como a [Sociedade] “*Katipunan*”. O “K” apareceu como uma espécie de emblema em bandeiras, selos e em outros documentos relativos à organização revolucionária.<sup>1</sup> Embora o Tagalo, idioma dos revolucionários, tenha sempre escrito, na forma do alfabeto Romano, a letra “k” só passou a ser utilizada

1 Agradecimentos: Para Ben Anderson, a quem eu devo enormemente por ter orientado minha pesquisa, por a ter lido incansavelmente e ter me incentivado a continuar meu trabalho. Mark Anderson, Susan Buck-Morss, Katherine Gordy, Derek Hall, Eva-Lotta Hedman, Isaac Kramnick, Dean Mathiowetz, Adam McKeown, Radhika Mongia, Vince Rafael, Vanita Seth, e Dan Vuck - todos que leram e ofereceram comentários em diferentes encerramentos em partes diferentes desse trabalho, incluindo um capítulo da dissertação no qual eu comecei a tratar desse tema. Eu apresentei uma parte desse material em encontros ou workshops patrocinados pelos: programa *Southeast Asia* de Cornell, Centro de Humanidades da Universidade de Harvard, A associação Northeast para estudos sobre a Ásia, Instituto Europeu de Estudos e Núcleo de Estudos sobre a Ásia Oriental de Berkeley. Eu agradeço aos organizadores e a todos presentes nesses eventos. Além desses acima nomeados, me beneficieei de conversas que tive sobre o assunto com Judith Aissen, Phillip Angermeyer (que sugeriu o título), Jeffrey Hadler, Hendrik Maier, Ambeth Ocampo, Maria Theresa Savella, e John Wolff, cada um me deu proporcinou ótimas observações. Por fim, agradeço aos três revisores anônimos, cujas sugestões, perguntas, e críticas me desafiaram em maneiras que foram além desses capítulos. Qualquer erro permanece na minha responsabilidade.

Agradeço a Sherwin Mendoza por me lembrar que a letra “k” aparecia nas bandeiras dos Katipunianos; ver Agoncillo, 1996.

poucos anos antes da revolução travada pelo referido grupo – antes, o som do “k” era representado pelas letras “c” ou “qu,” de acordo com as regras da ortografia Espanhola. Então por que motivo essa organização tão radical não se chamava “Cataastaasan Cagalang-galang na Catipunan”? Por que usar “KKK” ao invés de “CCC”?

Essa pergunta pode ser respondida de acordo com duas acepções: uma particular e uma geral. Em um sentido mais geral, a resposta está relacionada ao poder que a ortografia tem de representar um idioma, não só literalmente, mas também emblemática e politicamente. Nesse sentido, o “k” não se diferencia de outras letras, alfabetos e escritas que se apresentam como bandeiras, emblemas de uma língua, símbolo do seu ser ou prova de sua unicidade. Em momentos históricos, nos quais um idioma pode ser representado por mais de uma forma escrita, a diferença existente entre as formas, equivale à uma diferença política. A escrita representa algo além dos fonemas e das palavras de uma língua, na medida em que representam também uma identidade política, que pode ser assinalada pela escolha de usar uma escrita ao invés de outra. A história do “k” nas Filipinas, tem a ver com esse fenômeno mais geral: ortografia, ou escrita, é contestável politicamente.

Contudo, mais especificamente, descobriremos que o uso do “k” como símbolo do movimento revolucionário nas Filipinas é só um exemplo, dos inúmeros outros casos nos quais o “k” é usado por um grupo para simbolizar sua reivindicação de autonomia em relação à um grupo mais poderoso e que historicamente o dominou. O fato do “k” em particular estar envolvido nesses conflitos, está relacionado, em parte, com as histórias concomitantes porém diferentes, de dois grupos de linguagem representados por duas versões do alfabeto Romano: aqueles que expressam o som da letra “k” com a letra “k”, ou aqueles que o fazem com as letras “c” ou “qu.” O que veremos é que, em parte, devido às histórias do colonialismo, a letra “k”, em especial, é símbolo de uma contestação ideológica anticolonial nas áreas dominadas pelos Estados, instituições ou povos de língua latina. Assim, a letra “k” *per se*, acaba por representar visualmente a diferença e a distinção de uma língua, cuja viabilidade, legitimidade e autonomia, está em cheque.

Portanto, a pesquisa sobre a história da letra “k” tem uma perspectiva local e uma global, bem como demonstra a interação entre ambas. Em nível local, especificamente nas Filipinas do final do século dezenove, minha pesquisa demonstra que é possível fazer uma ligação entre diferentes momentos e movimentos na política nacionalista, identificando o uso da letra “k.” A contestação sobre o uso do “k” nas Filipinas do final do século dezenove surgiu a partir de desejos e conflitos

locais, mas também se utilizou de teorias, modelos e expertises de outros lugares do mundo. Neste, que é um dos primeiros exemplos de um “k” anticolonial, percebemos um rico debate que envolve a sua introdução, controvérsia na qual: local e global, indígena e estrangeira, autêntica e imposta; eram categorias cujos significados eram contestados e mutáveis.

Meu argumento começa pelo começo do uso da letra “k” escrita em Tagalo. Embora atualmente o “k” seja de uso comum, da primeira vez que foi usado em Tagalo na forma impressa, em uma publicação de um jornal bilíngue de Manila em 1889, gerou uma divergência que se expressou nos âmbitos históricos, culturais e principalmente políticos. O novo sistema de escrita foi alternadamente louvado e vilipendiado; ao mesmo tempo enaltecido como sendo racional e ridicularizado como sem sentido; ora promovido como uma ferramenta pelo progresso da nação, ora atacado como sendo um agente de forças externas. Essas acaloradas discussões começaram entre os jovens homens os quais se auto identificaram como sendo “nativos” das Filipinas, motivo pelo qual consideravam ter autoridade suficiente para julgar as novas mudanças propostas, apesar de nem todos terem como idioma nativo o Tagalo.<sup>2</sup> Essa história envolve tanto alianças quanto diferenças políticas, nas quais argumentos como pureza, utilidade e racionalização foram levantados, tanto contra quanto a favor da nova ortografia.

Após entendermos os termos nos quais foi travada a argumentação acerca da letra “k”, voltaremos nossa atenção para explicar o motivo pelo qual a letra “k” tem sido particularmente um objeto detentor da atenção de reformas ortográficas em outros tempos e lugares: em outras palavras, porque a letra “k” representa a descolonização. O argumento envolverá tanto as qualidades formais das ortografias e as línguas as quais elas representam, quanto os contextos histórico-políticos nos quais essas línguas são faladas e escritas.

## UMA NOVA ORTOGRAFIA TAGALA

■ Em 1889, um novo jornal bilíngue surgiu em Manila, imprimindo suas notícias e artigos tanto na língua oficial do governo, negócios e educação superior (Castelhano), como na língua nativa da área que cercava Manila (Tagalo). Na época, os outros jornais eram impressos em Castelhano, com a exceção de um ou-

2 Eu uso “nativos” ao invés de “indígena” pois este último termo, no contexto Filipino atual, indica outros grupos, além daqueles dos quais os jovens grupos vieram. O meu uso de “nativo” se refere à “índio”, que nas Filipinas do século dezenove era tanto uma expressão Espanhola derogatória, como uma reapropriação identitária dos jovens dos quais eu falo.

tro jornal bilíngue que tinha sido inaugurado 6 meses antes. Muitos nas Filipinas não consideravam o Castelhana como língua mãe; poucos Espanhóis peninsulares viviam fora da cidade murada de Manila e, a ordem dos frades elegeram-os para aprender a língua local e praticar conversação através dela, ao invés de ensinar aos nativos, a língua Espanhola. Dessa forma, o surgimento de uma série de jornais bilíngues por volta de 1889, marcou o início de uma tentativa, entre os editores, de atingir não só o público leitor Castelhana (Espanhóis peninsulares e locais, estrangeiros, bem como nativos e mestiços com educação superior), como também aqueles que não eram alfabetizados em outras línguas, diferentes do Castelhana. Esse novo jornal bilíngue, *La España Oriental* [A Espanha Oriental], também se destacava por ter uma orientação laica, além de buscar “transmitir aos indígenas tudo que estivesse em seu alcance de conhecimento e que fosse útil para o seu estado político e civil”<sup>3</sup>, incluindo lições de agricultura, comércio, higiene, e outros conhecimentos práticos. Um de seus editores, e primeiros escritores, foi Isabello de los Reyes, Ilocano (não tinha como língua de origem o Tagalo), que anos mais tarde seria preso pelas autoridades Espanholas sob suspeita de se envolver com a revolução. Tal suspeita, baseada em seus esforços prolíficos de publicar jornais bilíngues laicos nos anos antes da revolução.<sup>4</sup> O impulso laico da Espanha Oriental torna-se ainda mais evidente quando comparado à orientação religiosa do jornal bilíngue concorrente, a *Revista Católica de Filipinas* [Revista Católica das Filipinas].

Embora a Revista Católica fosse pioneira como um jornal bilíngue, era parte de uma tradição ainda mais antiga de textos impressos em Tagalo, cuja essência era, na maioria das vezes, religiosa. Dada essa diferença de orientação existente entre os dois jornais, seria de se imaginar que a Revista Católica desaprovava os objetivos laicos do Espanha Oriental e sua negligência dos temas religiosos. Contudo, a Revista Católica contestou a forma como o novo jornal escrevia a língua Tagala. Os editores do Espanha Oriental introduziram, em uma nota de rodapé, uma nova ortografia, afirmando que eles iriam “utilizar a ortografia recentemente apresentada pelos [...] Orientalistas [...] pois acreditavam que compunha e representava melhor as palavras da língua Tagala.”<sup>5</sup> A nota ainda descrevia as

3 “*Nuestros Propósitos*,” 1889. Todas as traduções pertencem ao autor, a não ser que seja indicado de forma diferente. A fonte bilíngue deriva da versão em Castelhana do texto. Devido a considerações espaciais, somente podem ser impressas as traduções; por favor entre em contato com o autor se desejar na língua original.

4 Em outro momento eu demonstro a extensão do trabalho de Los Reyes no jornal durante esse período, que foi subestimado (Thomas 2006).

5 “*Nuestros Propósitos*,” 1889.

características da nova ortografia, dentre as quais focaremos em uma: a inserção da letra “k.”<sup>6</sup>

Antes de entendermos por que propuseram o “k” e qual o seu significado, precisamos fazer uma breve revisão acerca de algumas características históricas e gramaticais do idioma Tagalo. Membro da família do idioma Austronésio, o Tagalo mudou muito pouco, gramaticalmente falando, desde o século dezesseis, contudo, sua aparência mudou drasticamente.<sup>7</sup> Antes da chegada dos Espanhóis nas Filipinas no século dezesseis, o Tagalo tinha uma escrita própria, da mesma forma que o tinham diversas outros idiomas das ilhas.<sup>8</sup> Quando os Espanhóis chegaram, eles gravaram os fonemas do Tagalo no alfabeto Romano, usando regras ortográficas e de pronúncia Espanhola. Essa ortografia Espanhola romanizada, virou padrão de escrita para os textos impressos de modo que o alfabeto pré-hispânico caiu em desuso. Dessa forma, no final do século dezenove o Tagalo era escrito da mesma forma que as línguas Espanholas nas quais, a parada glótica fricativa (pronunciada, mais ou menos, como um “k” no Inglês) passou a ser escrita com um “c” ou um “qu” (o primeiro antes de um “a”, “o”, ou “u” e o último antes de “i” ou “e.”) A nova ortografia usada pelo *Espanha Oriental* sempre representava esse som com um “k”.

Embora o Castelhamo e muitos outros idiomas Europeus conjuguem os verbos mudando o seu final, o Tagalo utiliza, para expressar suas informações gramaticais, de sufixos e prefixos, bem como de infixos (partes adicionadas no meio do radical ao invés de no início ou no final). O resultado da combinação da ortografia Espanhola com a gramática Tagala foi uma infinidade de irregularidades ortográficas. Como um exemplo, se usarmos a letra “k”, podemos representar “kain” (“comer”) e “kinain” (“comido”), respectivamente um verbo Tagalo

6 Outro elemento importante na nova ortografia foi o “w”, cujo papel na história dessa reforma é muito similar à do “k.” A nova ortografia também tirou o “u” do Tagalo Hispânico em “gue” e “gui” (com um som forte do “g”), que na nova ortografia se tornou “ge” e “gi” (Tagalo não tem equivalente no “g” Castelhamo). Meu foco aqui é no “k”, excluindo os demais, pois este é particularmente proeminente como um símbolo, neste caso, assim como nos demais, de contestação da nova ortografia.

7 Wolff nos informa que apesar do alto número de palavras emprestadas Espanholas, e mais recentemente, inglesas, que substituíram antigos radicais Tagalos, “a língua per se ... tem se mantido surpreendentemente estável nos últimos 4 anos” (2001: 235). O significado do empréstimo de palavras Espanhol será importante no meu argumento a seguir.

8 Existe muita divergência acerca da questão sobre quão difundido era essa escrita e que tipos de textos eram escritos com ela, essas divergências motivadas pelo fato de que nenhum texto pré-hispânico sobreviveu. Os exemplos mais antigos da escrita pré-hispânica que foram documentados são aqueles registrados pelos frades Espanhóis (Lumbera, 1986: 22-27).

comum e seu relativo, com a mesma letra inicial, sendo o último exatamente o primeiro que sofreu adição do infixo “in.” Usando a ortografia Espanhola, o radical “cain” terá que ter a sua primeira letra alterada, para se tornar “quinain”. A nova ortografia foi apresentada pelos editores do *Espanha Oriental* como uma reforma para racionalizar e regularizar a gramática de uma forma que tornasse mais fácil identificar o radical e as inserções gramaticais, bem como os apêndices das palavras Tagalas.

#### SERIA O “K” UM AGENTE ESTRANGEIRO?

■ Logo após a primeira edição do bilíngue *Espanha Oriental* chegar às ruas de Manila com a nova grafia, a *Revista Católica* mandou publicar uma série de artigos atacando a ortografia, para os quais a primeira respondeu publicando uma série de artigos em sua defesa. Pascual H. Poblete, um escritor, editor e tradutor da *Revista Católica*, atacou as credenciais daqueles responsáveis pelo desenvolvimento da nova ortografia afirmando que “Eu não sou um filólogo, mas sou um Tagalo, motivo pelo qual, em respeito à minha língua nativa, eu posso dizer sem me gabar, que eu conheço muito mais o Tagalo do que qualquer cavalheiro orientalista (Europeu ou *Filipino* não puramente Tagalo)”.<sup>9</sup> Nenhum dos “Orientalistas” citados tinham como língua nativa o Tagalo, fazendo com que a sua suposta autoridade de expert fosse suspeita para Poblete, pois, como ele afirmou, “Não se aprende Tagalo através de livros criados por autoridades acadêmicas de linguística, pois até então não passou em nossas cabeças formar núcleos individuais os quais [aqui ele repetiu o lema da Academia Real de Língua Espanhola] *padronizaria*, *purificaria* e *glorificaria* nossas palavras. Cada Tagalo é um acadêmico de sua língua”.<sup>10</sup> Para Poblete a nova ortografia era imprecisa e não prática; ele afirmou que se fosse implementada, “todos os Tagalos” leriam incorretamente pois eles não são *Orientalistas* por mérito nenhum, e simplesmente por terem nascido do Oriente; eles tampouco nasceram filólogos”.<sup>11</sup> O companheiro de trabalho de Poblete, Pablo Tecson, também atacou a nova grafia bem como a autoridade daqueles que a desenvolveram afirmando que para se ajustar à escrita do idioma ele teria que se ajustar à língua em si, que achar falhas na nova orto-

9 Poblete 1889. Poblete é outra figura interessante; ele colaborava frequentemente com Isabelo de los Reyes. Também foi o primeiro tradutor da Bíblia e da obra *Noli me tangere* de Rizal, para o Tagalo.

10 Ibid.

11 Ibid.

grafia comumente usada, era como acusá-la de ser ilógica e inferior.<sup>12</sup> Tecson se colocou como um defensor da língua Tagala e invocou contra os “Orientalistas” a autoridade de um autor Tagalo “clássico” do século dezenove – o poeta Francisco Baltasar (Balagtas).<sup>13</sup> O Tagalo de Baltasar era, então, o original, de modo que, segundo Poblete e Tecson, ao defender a nova ortografia, o *Espanha Oriental* estava na verdade insultando o referido poeta, bem como todos os demais Tagalos.

A *Revista Católica* recorre, em seus artigos, ao patriotismo dos seus leitores em relação à língua Tagala, mas o fazia de uma forma na qual também voltava esse patriotismo para a Espanha e para a língua Espanhola. Eles argumentavam ainda que, a nova ortografia era impraticável e não patriótica vez que, segundo os autores mencionados, o Tagalo era uma língua Espanhola, e deveria ser escrita de acordo com a mesma. Isso ficava claro, na forma como a letra “k” em particular foi escolhida para ser criticada com base desta ser “estrangeira”, particularmente de origem “alemã”. Poblete afirmava que os Tagalos não conheciam as letras estranhas ao castelhano, “pois seus professores de alfabetização de Fenício . . . eram espanhóis, e não ingleses ou alemães”, e recorreu aos sentimentos patrióticos de seus leitores em relação ao Tagalo e à Espanha quando escreveu: “Além disso, compatriotas Tagalos: Se nossa religião, nossas leis, nossos costumes e nosso modo ser são Espanhóis, porque temos que usar letras que não tem origem Espanhola? As letras que nos ensinaram não são suficientes para expressarmos nossas ideias e pensamentos? Então, antes de usar uma letra de origem estranha à nossa pátria, nos deixem inventar o que seria suficiente: melhor, nos deixe retornar o nosso alfabeto primitivo”.<sup>14</sup>

Para Poblete, seus “compatriotas Tagalos” eram profundamente espanhóis da mesma forma que o Tagalo era uma língua espanhola. Essa afirmação era feita no contexto de uma Espanha multilíngue; o castelhano era a língua oficial, mas a nação espanhola era multilíngue, sendo possível adicionar o Tagalo à lista que já continha o castelhano, o austríaco, o basco e o catalão. Contudo, a sugestão de Poblete de “reviver o alfabeto primitivo” ao invés de usar elementos “estrangeiros” não poderia ser levada a sério devido às dificuldades práticas de usar elementos que não eram familiares a ninguém nessa altura, e que tampouco estavam acessíveis em algum tipo de impressão; Assim, sua sugestão deveria ser interpretada

12 Tecson y Santiago 1889b. Figura histórica proeminente; ele se tornou secretário do Congresso Revolucionário em Malolos ao final de 1898.

13 Francisco Baltazar (Balagtas) autor do poema épico “*Florante at Laura*,” provavelmente a primeira peça impressa na escrita Tagala a ser considerada literatura. Ver Lumbea, 1986.

14 Poblete 1889.

como uma hipérbole absurda que pretendia destacar o quão ofensivo era o uso da letra “alemã”. Ao classificar a letra “k” como sendo Alemã, Poblete a coloca como sendo politicamente subversiva para a Espanha, na medida em que remete aos anseios sobre o declínio da Espanha como um império mundial em contraste à ascendente Alemanha (unificada em 1871; primeira colônia em 1884) que recentemente tinha desafiado a Espanha nas Carolinas. Foi justamente essa ansiedade de Madri em relação ao apetite colonial Alemão, que inspirou a exibição Filipina de 1887, cujo objetivo principal era o de reforçar os laços do império que vinculavam as Filipinas à Península.<sup>15</sup>

Posteriormente, os escritores da *Revista Católica* atacaram o “estrangeiro”, isto é, as origens – não Tagalas e não Espanholas – da nova ortografia. Alegavam que a ortografia era suspeita tanto pelo fato de que as pessoas que desenvolveram não serem naturalmente Tagalas, e pelo fato da grafia – em especial o uso do “k” – ser considerado uma traição aos Tagalos e aos Espanhóis. Em contraposição, os referidos escritores evocavam autoridades da língua local e textos de poetas clássicos, bem como, o patriotismo em relação às línguas Tagala e Espanhola. No entanto, conforme veremos, as contestações sobre o patriotismo direcionadas às Filipinas e à Espanha continham também reivindicações políticas muito mais controversas do que a simples utilização de uma letra, reivindicações estas que requeriam ao estado Espanhol que incluísse as Filipinas como uma região da Espanha, e não como uma simples colônia. Desta forma, os escritores da *Revista Católica* adentraram em argumentos políticos contínuos e bem delicados acerca da relação entre as Filipinas e a Espanha, e as potenciais ameaças ao laço político entre ambas. O “k” era significante para aqueles que discordavam sobre o que ele representava.

## REFORMA ORTOGRÁFICA COMO REFORMA POLÍTICA

■ Como devemos interpretar os virulentos ataques da *Revista Católica* à nova ortografia? Já vimos que o rótulo de “Alemão” é associado às probabilidades de declínio Espanhol. Contudo, a origem “Alemã” e as acusações de influência estrangeira, também carregam associações mais específicas. A fim de entendê-las, teremos que observar mais de perto a história da nova ortografia, e a sua relação com o grupo de jovens reformista. Um dos “Orientalistas” reconhecido pelo *Espanha Oriental* como um dos criadores da nova ortografia foi T. H. Pardo de

---

15 Sánchez Gómez 1987: 165-66.



Tavera, um médico estudioso de linguagem e membro de uma das únicas famílias crioulas Espanholas das Filipinas, para quem o Espanhol era a língua materna. Pardo de Tavera estudou na Escola de Línguas Orientais de Paris, e como resultado, em 1884, foi publicado, na Espanha, seu trabalho pioneiro que comparava as escritas pré-hispânicas, das diferentes escritas indígenas Filipinas. Estudar os alfabetos antigos dos Filipinos, fez com que Pardo de Tavera buscasse formas de melhorar o sistema hispânico de romanização usado na época. Ele descobriu, no antigo alfabeto, uma forma ortográfica que se encaixava ao idioma Filipino de forma mais natural do que aquela utilizada pelo sistema hispânico-romano, o qual, posteriormente ele percebeu, “desfigurava a fisionomia de muitas palavras”.<sup>16</sup> No entanto, a volta para a escrita pré-hispânica, teria sido impraticável considerando que o alfabeto romano tinha claras vantagens – já era utilizado nas publicações em Manila (para Castelhana, Tagalo e outras línguas das Filipinas), já era familiar para aqueles que liam e escreviam e, era o alfabeto dividido não só com o Castelhana, como com outros importantes idiomas Europeus. O caminho, então, parecia ser o de melhorar o sistema para romanizar o Tagalo.

Pardo de Tavera introduziu o seu novo sistema ortográfico para o Tagalo, em sua obra, *Sânscrito na Língua Tagala*,<sup>17</sup> contribuição ao estudo de linguagem Filipino. O corpo do seu trabalho consistia em uma lista de palavras Tagalas as quais ele acreditava que tinham uma origem sânskrita; cada verbete identificava o radical sânskrita e demonstrava brevemente a sua provável transformação, levando em consideração tanto a escrita em Tagalo antigo quanto no novo. No prefácio, Pardo de Tavera explicou a nova grafia, a qual era escrita “com elementos latinos que correspondiam mais adequadamente com a ortografia da palavra em Tagalo antigo, do que as letras usadas de acordo com a ortografia Espanhola”.<sup>18</sup> O referido autor foi capaz de identificar a estrutura do Tagalo e sugeriu uma nova ortografia para a mesma, não por que ele excluía outras línguas em seu estudo e sim, pois ele estudava o Tagalo em comparação com as demais línguas estrangeiras. O fato de sua ortografia originar-se de seu conhecimento acerca de línguas estrangeiras, não as fazia, na visão de Pardo de Tavera, menos “naturais” em relação ao Tagalo; ao contrário, ela se adequava mais à lógica Tagala interna. Para ele, o princípio linguístico de uma letra para cada som era objetivamente benéfico. Ele não viu nenhuma necessidade de preservar as grafias do Tagalo antigo,

16 Pardo de Tavera 1887: 12.

17 Ibid.

18 Ibid.: 12-13.

seja pelo bem da consistência com a ortografia Espanhola, seja pelo uso de grafias imortalizadas por Baltasar.

O livro de 1884 de Pardo de Tavera inspirou estudos e conclusões similares por José Rizal, um jovem doutor cuja língua materna era o Tagalo que estava na Europa se especializando e trabalhando, para conseguir promover mudanças políticas nas Filipinas juntamente com outros Filipinos, cujos<sup>19</sup> trabalhos falaremos mais adiante. A primeira vez que Rizal leu o livro do alfabeto antigo, ele também se inspirou a trabalhar para promover uma nova ortografia que seria “mais racional e lógica” do que aquela que estava sendo usada e, independentemente de Pardo de Tavera, ele desenvolveu algumas das mesmas reformas ortográficas<sup>20</sup> que Pardo de Tavera. Ele usou a nova ortografia quando traduziu para Tagalo a obra *Wilhelm Tell*, de Schiller; bem como algumas histórias de Hans Christian Andersen, e, como ele viria a declarar posteriormente, foi, em parte inspirado pelo “estudo que eu estava fazendo na época sobre as escolas primárias em Saxônia, do qual eu pude perceber os grandes esforços dos professores para simplificar e facilitar a educação das crianças”.<sup>21</sup> Rizal esperava que seu próprio esforço para desenvolver uma ortografia mais simplificada iria “aliviar o trabalho e facilitar os primeiros passos das crianças”, pois para ele, da mesma forma que para os editores dos jornais de Manila, o sucesso do país depende da educação.<sup>22</sup> Ele admirava o sistema educacional Alemão bem como o progresso daquela nação e tinha esperanças de que o sucesso desta pudesse ser copiado nas Filipinas.<sup>23</sup>

---

19 Rizal seria imortalizado como “pai da nação Filipina” após sua morte nas mãos dos Espanhóis após ser considerado um “subversivo”. A literatura sobre Rizal é vasta. Recentemente, ele aparece como a figura central em dois estudos contrastantes (Anderson 2005; Rafael 2005).

20 Rizal 1890b: 88. Esse trecho foi traduzido e reproduzido na obra de 1996, cujos volumes reproduziam as publicações do *La Solidaridad*. Eu consultei essa tradução, mas a modifiquei.

21 Ibid. For Rizal's *Guillermo Tell*, ver Rizal 1961.

22 Rizal 1890b: 88.

23 Rizal passou a maior parte de 1886 e a primeira parte de 1887 na Alemanha, onde ele escreveu a maior parte da obra *Noli me Tangere*. Para exemplos da admiração de Rizal pela Alemanha e suas coisas, ver a carta de seu irmão Paciano (datada 16 junho 1885), e as cartas para sua irmã Trinidad (11 mar. 1886) e para José María Basa (21 Set. 1889) em Rizal 1930. Ver também suas letras para Blumentritt (12 de jan., 13 de abr., 24 de abr., 6 de junho, e 20 de julho 1887) em Rizal e Blumentritt 1961. O primeiro romance de Rizal, cujo título faz referência à passagem bíblica João 20:17, começou com uma citação de Schiller e foi originalmente publicada em Berlim em 1887. O romance trata de um jovem herói que admira os avanços feitos pela Alemanha, bem como seu sistema de educação para sua juventude (Rizal 1958). A admiração de Rizal pela Alemanha já tinha sido alvo de críticas e acusações políticas pelos Espanhóis peninsulares conservadores, Vicente Barrantes (Rizal 1890a: 32).

A primeira vez que Rizal publicou a nova ortografia foi em *Noli me Tangere* (1887), capturando, em seu romance Castelhana passado em uma Filipinas contemporânea, as interrupções ocasionais do Tagalo na língua Castelhana falada por alguns Tagalos nativos. Posteriormente, escreveu que ele usou a nova ortografia em seu trabalho impresso, “com a esperança que o público Filipino a adotasse após uma razoável discussão sobre sua utilidade e conveniência”.<sup>24</sup> O fato do uso da nova ortografia por Rizal é invisível atualmente; já que a escrita que era considerada nova à época se tornou comum, a novidade desapareceu sob os olhos no leitor do Tagalo moderno. A nova ortografia era considerada por Rizal, parte do objetivo futuro do projeto: um projeto que expõe os problemas dos Filipinos a fim de inspirar as pessoas à resolve-los e de ganhar apoio político para tal.

Sem ter conhecimento do trabalho um do outro, Pardo de Tavera e Rizal desenvolveram um novo sistema ortográfico o qual acreditavam ser mais apropriado para as necessidades presentes e futuras da língua Tagala e seus falantes. Através dos esforços de Rizal a nova ortografia passou a ser defendida e utilizada pelos jovens que buscavam, tanto nas Filipinas, quanto na Europa, promover reformas políticas liberais e laicas na nação Filipina.<sup>25</sup> Por volta de 1889, os membros dessa coalizão internacional de Filipinos progressistas se tornaram *La Solidaridad* (“Solidariedade”), um jornal quinzenal publicado primeiro em Barcelona e depois em Madrid, com objetivos de promover a causa das reformas políticas liberais nas Filipinas através da proposta de aproximação das leis e da administração com a da Península Espanhola. Enquanto os apoiadores do jornal tinham inclinações políticas bem mais radicais do que aquelas que eram publicadas, o jornal buscava promover ideais liberais burgueses de política, economia e desenvolvimento social das Filipinas. A proposta era de que a Espanha reinasse, com mais poder e influência sobre os assuntos políticos nas Ilhas, em detrimento dos poderes que tinham as ordens de frades, os quais, por sua vez, eram muito diferentes de qualquer poder que eles tivessem na Península. Buscando assegurar a simpatia de potenciais aliados no círculo político peninsular Espanhol, *La Solidaridad* era muito crítica com relação a qualquer ato das administrações de Madrid ou

24 Rizal 1890b: 88.

25 Conforme escrito posteriormente por Rizal, em 1887, ele pediu aos seus amigos para adotarem a ova ortografia e ao menos alguns já o tinha feito (ibid.). Ver também Rizal 1931: 31–32, 46–47. Os trabalhos padrão sobre o Movimento de Propaganda é o livro de Schumacher com o mesmo nome (1997). A coleção dos ensaios de Schumacher (1991), Anderson (2005) e Sarkisyanz (1995) foram muito úteis na relação do movimento com os políticos peninsulares. As políticas da língua, particularmente nesse movimento, foram recentemente analisadas por Rafael (2005) de uma forma diferente daquela utilizada aqui.

Manila que se curvasse aos interesses partidários da ordem de frades, e, por isso, era frequentemente proibido que fosse circulado na colônia. A maioria daqueles que trabalhavam no jornal, eram envolvidos com a promoção da nova ortografia, incluindo Mariano Ponce, Pedro Serrano Laktaw e, Marcelo del Pilar, além dos já mencionados Rizal e o *Los Reyes* do *Espanha Oriental*.

Em 1889, mesmo ano do surgimento do *Solidaridad* e somente dois anos depois que o do romance de Rizal e o do Sânscrito de Pardo de Tavera, Pedro Serrano Laktaw, professor e um dos jovens trabalhando para promover reformas políticas, publicou o primeiro volume de seu dicionário Espanhol-Tagalo. Tal trabalho representou o primeiro dicionário que usava a nova ortografia e, o primeiro livro publicado no qual o Tagalo aparecia, na forma da nova ortografia, com frases completas, ao invés de palavras soltas.<sup>26</sup> Neste trabalho, o autor afirmou que ele “esperava contribuir para a filologia pela adoção da ortografia aplicada pelos Orientalistas estudiosos [...]. Dessa maneira, ficava mais fácil distinguir o radical dos demais componentes afixados em cada palavra, escrever fica menos complicado e, a palavra falada é mais adequadamente representada, o que não ocorre com a ortografia até então utilizada”.<sup>27</sup> Serrano Laktaw esperava que, ao simplificar o processo de ler e escrever, a nova ortografia iria melhorar a educação nas Filipinas; ele achava que se fosse mais fácil para os alunos, primeiro aprender a ler e escrever em Tagalo, seria também mais fácil aprender a ler e escrever em Castelhana. Esses temas foram repercutidos no prólogo, escrito por Marcelo H. del Pilar (conhecido por sua agitação política e escritos no *Solidaridad*), que enfatizou a importância do ensino do Castelhana aos alunos nas Filipinas; ele esperava que o livro fosse “contribuir para a difusão do Castelhana no arquipélago, que [sendo] parte da Espanha, deveria ser tão espanhol na língua, quanto é no seu governo, na sua religião, em seus sentimentos, hábitos e aspirações”.<sup>28</sup> Del Pilar professou seu patriotismo à Espanha e às suas leis, da mesma forma que professou seu respeito pela religião Católica (quando no seu âmbito de atuação específico, separado da lei), estratégias comumente usadas por ele no *La Solidaridad*. Del Pilar promovia o ensino da língua Espanhola nas Filipinas, pois seria através dela que as leis e administração peninsulares espanholas, laicas e liberais seriam inseridas na colônia. As ordens dos Frades eram tradicionalmente contra o ensino de Castelhana nas ilhas pois em parte, eles exerciam o poder político através da

26 Serrano Laktaw 1889. Para uma análise contemporânea de sua inovação, ver Pardo de Tavera 1994: 406.

27 Serrano Laktaw 1889.

28 del Pilar y Gatmaytan 1889.

manutenção para si, do Castelhana, e conseqüentemente dos textos, ideias, liberdades civis e, divergências da península Espanhola; somente tendo algum alcance, uma minoria representada por parte da elite da ilha.<sup>29</sup> Segundo del Pilar, Serrano Laktaw, Rizal, e os demais jovens propagandistas, a Espanha era um lugar onde eles tinham mais liberdades e mais oportunidades de debate e crítica do que eles tinham em seu país de origem, e o castelhano era a língua pela qual eles tinham acesso à essas liberdades.

Foi nas páginas do *La Solidaridad* que Rizal esboçou sua posição acerca da nova ortografia, além de expor o seu significado em 1890, na sua obra “Sobre a Nova Ortografia: Uma Carta aos meus Compatriotas”. Neste trabalho, Rizal respondeu à Tecson e Poblete, da *Revista Católica*, abordando suas críticas e além disso, discutindo explicitamente as questões de patriotismo e linguagem levantadas pelos dois autores. Rizal encorajava seus leitores a pensarem a questão ortográfica como uma questão política, mas ao mesmo tempo, que o fizessem de modo a chegarem a conclusões diferentes daquelas defendidas na *Revista Católica*. O *Espanha Oriental* já havia respondido algumas críticas de Tecson e Poblete, mas sua resposta teve como foco, a lógica presente na nova ortografia, bem como a sua utilidade; não mencionaram, contudo, as implicações de suas posições políticas, talvez devido à censura existente na imprensa de Manila. Rizal teve mais espaço para defender suas posições políticas no *La Solidaridad*.

Rizal iniciou sua defesa com a imagem de uma sala de aula nas Filipinas, descrita de modo a acentuar os problemas que para ele, estavam impedindo o país de crescer:

“Quando você vai à escola do bairro para aprender suas primeiras letras, ou quando você teve que ensiná-las aos mais novos, sua atenção, assim como a minha, deve ter se voltado para a grande dificuldade encontrada pelos meninos quando eles chegavam às sílabas ca, ce, ci, co [...] pois não entendiam a causa dessas irregularidades tampouco o motivo pelo qual o som de algumas consoantes muda. Choveram chicotes, um castigo atrás do outro [...]. Finalmente, considero que essas sílabas, que levaram os meninos às lágrimas, ser-lhe-iam completamente inúteis, pois na nossa língua falada e na ortografia antiga, [nós não temos algumas dessas] sílabas que pertencem ao Castelhana”.<sup>30</sup>

29 Ver Rafael (2005) para a teorização do poder do Castelhana.

30 Rizal 1890b: 88.

Ao incitar seus leitores a se identificarem com o sofrimento dos meninos e com ele, fez seus “compatriotas” perceberem que ele tinha como língua nativa o Tagalo, afirmando a autoridade que a *Revista Católica* tinha negado à Pardo de Tavera. Ao notar que, mesmo conhecer o trabalho um do outro, tanto ele quanto Pardo de Tavera tinham criado uma nova ortografia, afirmou que ele “alegrou-se pois não era o único com essa ideia, que tinha aparecido simultaneamente em suas mentes”.<sup>31</sup> A validade científica de seus trabalhos tinha se confirmado no momento que eles chegaram, independentemente, aos mesmos resultados.

Após uma longa seção na qual ele detalha as características técnicas da velha e nova ortografia, ele chega ao ponto do patriotismo, e o que a ortografia tem (e não tem) a ver com ele. Novamente, invoca a compaixão dos leitores Tagalos para com si mesmos, com meninos sofrendo na sala de aula e com seus próprios filhos, existentes ou imaginários, que continuariam essa labuta a não ser que a nova ortografia fosse adotada:

“Por que forçar os meninos aprender [Sílabas Espanholas] quando eles deveriam estar falando nada além do Tagalo, pois castelhano é completamente proibido para eles? Se depois eles tiverem a oportunidade de aprender esta última língua, então terão que estudar essas combinações, assim como todos nós, quando aprendemos francês, inglês, alemão, holandês, etc. Ninguém na Espanha, quando criança, aprende o silabário francês ou o inglês: então, por que as crianças dos bairros têm que se matar aprendendo o silabário de uma língua que eles nunca terão que falar? A única coisa que eles vão desenvolver será um ódio aos estudos, vendo que eles são difíceis e inúteis”.<sup>32</sup>

Ao contrário da reivindicação de outros, de que a nova ortografia ajudaria aos falantes do Tagalo a aprender Castelhana, Rizal fez questão de deixar claro que para ele, a introdução da reforma não se relacionava com o bem-estar dos poucos privilegiados que estudavam a língua espanhola. Ao invés disso, era belo bem da maior parte das crianças Tagalas, que provavelmente nunca seriam alfabetizadas em castelhano. O que ele propunha, era que o Tagalo fosse mais fácil para que as crianças Tagalas tivessem mais facilidade em ler e escrever. O Tagalo era parecido, embora linguisticamente diferente do Castelhana, e a lógica da ortografia mandava que seguisse a natureza que era distinta.

---

31 Ibid: 88–89.

32 Ibid.: 91.

Rizal censurava o provincialismo de Tecson e Poblete, que protestava o suposto “estrangeirismo” da letra “k”, afirmando que:

“Então é extremamente infantil . . . rejeitar o uso [da letra “k”] dizendo que é de origem Alemã e mencionando o fato só para gabar-se de um patriotismo, como se este consistisse em elementos do alfabeto. ‘Nós somos Espanhóis acima de tudo!’, falam os oponentes, e com isso eles acham que estão realizando um ato de heroísmo; ‘Nós somos Espanhóis acima de tudo! E nós rejeitamos o “k” de origem Alemã!’. Eu tenho certeza que nove em dez desses patriotas do alfabeto do meu país usam chapéus genuinamente alemães e possivelmente até botas também! O quê? Então onde está o patriotismo deles? Por acaso as exportações da Alemanha aumentam mais quando usamos o “k” do que quando importamos e usamos produtos deles? Por que não usar um *chambergó* [um chapéu Espanhol], um *salakot* [chapéu originalmente filipino], ou um chapéu feito de *buntal* [fibras de palmeira], se eles são tão protecionistas? Será que o “k” nos empobrece? Seria o “c” um produto do nosso país? É muito fácil ser patriota então”.<sup>33</sup>

Ridicularizando a superficialidade do professado patriotismo de seus oponentes, Rizal provoca que até mesmo a sugestão absurda de um patriotismo chapeleiro seria mais lógico do que um alfabético. (Embora tais patriotas fossem parecer ridículos com seus chapéus fora de moda, estes teriam ao menos uma conexão concreta com a agricultura e manufatura espanhola, ao contrário das letras do alfabeto.) Ele encerra seu argumento com um convite àqueles que são céticos em relação à nova ortografia, para juntarem-se aos homens que são interessados na “livre esfera do conhecimento científico”.<sup>34</sup> Ele estava confiante que “no final [a reforma] será geral . . . e estamos certos de que, convencidos de suas vantagens, [os céticos irão] ter que considerá-la como sendo nada além de uma escrita nacional, racional e fácil de nossa língua harmoniosa”.<sup>35</sup>

O artigo de Rizal diminuiu os escritores da *Revista Católica* por terem focado apenas na influência estrangeira, especialmente na suposta influência ortográfica Alemã. Possivelmente os mencionados escritores tinham informações acerca das conexões acadêmica, social e política daqueles que estavam promovendo a nova ortografia. O treinamento linguístico francês de Pardo de Tavera apesar de “estrangeiro”, não parece ter sido o principal alvo; a letra “k”, o foco de sua

---

33 Ibid.: 90.

34 Ibid.: 92.

35 Ibid.

ansiedade, era alemão. A sua crítica incluía: o repetido argumento de que a letra “k” era alemã e, que definitivamente não era espanhola (logo, tampouco Tagala). Alegrementemente eles atentaram aos seus leitores, sobre a suposta origem alemã da nova ortografia, assinando um dos artigos sob o pseudônimo “*hindí aleman*” (“não alemão”); além de conjugar verbos Tagalos usando a palavra castelhana para “alemão” (“aleman”) como se ela fosse um radical de um verbo Tagalo, cunhando palavras em “fazer alemão” (“*umale-aleman*”), “Foi feito alemão” (“*inaleman*”), e “ser feito alemão” (“*alemanin*”).<sup>36</sup> A Alemanha pode ter sido um alvo em particular, por dois motivos: devido às ansiedades sobre o crescimento do poder alemão no mundo pacífico da Espanha, e pelo fato de Rizal, figura per se controversa, ter por várias vezes admirado a Alemanha e a comparado favoravelmente em relação à Espanha e às Filipinas, como já pudemos notar. Também é possível que as conexões entre Isabelo de los Reyes, editor do *Espanha Oriental* e autor da maior parte de seu conteúdo, e aqueles que eram visivelmente membros do movimento reformista, incluindo Ponce e Rizal, eram conhecidas ou no mínimo supostas, o que foi aproveitado pela *Revista Católica* para macular sua competição ao associá-la com o jornal mais controvertido de todos, o *La Solidaridad*. Assim, os escritores da *Revista Católica*, alegando serem simultaneamente leais ao Tagalo e à Espanha, invocaram os argumentos do próprio *Solidariedad* afirmando serem motivados pela lealdade à Espanha e pela preocupação de preservar a soberania espanhola nas Filipinas. Portanto, tal argumento vindo da *Revista Católica*, refletia justamente as contestações dos reformistas e talvez, os desafiasse.

As acaloradas trocas entre o *Espanha Oriental* e a *Revista Católica* continuaram por muitos meses. Entretanto, em janeiro do ano seguinte (1890), não aguentando mais arcar com as constantes publicações devido à contínua competição um com o outro, os dois jornais se fundiram. Esse ato não só representou o fracasso das publicações bilíngues, no sentido de que o público leitor não conseguiria apoiar os dois jornais, como também, indicou que apesar do feroz debate em suas publicações sobre a ortografia Tagala, bem como as diferentes posições dos dois jornais sobre o papel da religião, os objetivos principais de ambos os jornais eram muito similares. Ambos se consideravam defensores da educação Tagala e dos meios para edificar a população Tagala; o argumento sobre a ortografia ressaltou uma divergência na forma como eles imaginavam que esses objetivos poderiam ser atingidos, mas o fato deles serem capazes de se fundirem em um único jornal bilíngue é prova da urgência que ambos sentiam pela realização do projeto de ter

---

36 Hindí Alemán (pseudônimo), 1889; TecsonySantiago, 1889a.



um jornal bilíngue independentemente da ortografia que utilizada ou do status que se concedia à religião. Ainda, mesmo tendo se atacado tão virulentamente, as equipes dos dois jornais se coincidiram. Com isso, a nova publicação bilíngue, *La Lectura Popular* [O Leitor Popular ou Leitura Popular], foi gerida por de los Reyes, a força motriz por trás do *Espanha Oriental*, mas que também tinha trabalhado na *Revista Católica*. Os maiores nomes da *Revista Católica* também tinham se tornado colaboradores.<sup>37</sup> Nas páginas do novo periódico, alguns dos artigos Tagalos usavam a nova ortografia (ou alguns aspectos da mesma), e outros utilizavam a antiga. Contudo, a inconsistência presente em suas próprias páginas não parecia incomodar a equipe.

Se a briga foi uma oportunidade de expressar rivalidades pessoais que acabaram por se resolver, se os dois partidos simplesmente cansaram de polêmicas, ou se os interessados passaram a focar em outros projetos, mais urgentes, nós não sabemos. Contudo, nesse breve período, a ortografia foi criada e disputada, tanto no âmbito político, quanto no âmbito patriótico. E, enquanto todos aqueles envolvidos no debate concordaram na existência da significância política na ortografia, eles discordavam sobre o que representava essa significância. Entretanto, a nova ortografia iria ressurgir nas Filipinas anos depois, como um símbolo diferente, nem Alemão, nem espanhol.

#### “K” PARA KATIPUNAN

■ A nova ortografia não foi amplamente adotada de imediato; nos meses que se seguiram à controvérsia descrita acima, a letra “k” deixou de ser constantemente usada pelos jornais bilíngues de Manila para escrever em Tagalo (mesmo por aqueles associados à Los Reyes, que promoveu seu uso no *Espanha Oriental*). No entanto, em 1892 (dois anos após Rizal escrever sobre a ortografia as páginas do *La Solidariedad*), o “k” ressurgiu como símbolo de uma irmandade revolucionária secreta, os *Katipunán*, organização responsável pelo início da revolução.<sup>38</sup> O “k” aparece nos já nos primeiros anos, nos documentos oficiais, assim que conseguiram sua própria prensa, eles foram aos locais mais distantes em busca de

37 Thomas 2006.

38 Essa parte tem como fundamento a obra *Revolta das Massas de Agoncillo* (1996), que reproduz belamente vários dos manuscritos e documentos aos quais ele se refere, incluindo vários nos quais o uso do “k” é claramente ilustrado. Os exemplos que se seguem nessa parte foram todos retirados desse livro. O nome da organização *per se* é significativo: Ileta observa que existiam outras “organizações” ou “katipunanos” além da revolucionária, mas em todos os nomes dos outros “katipunans”, a palavra é escrita com um “c,” *catipunán* (Ileta 1979: 81, 121).

formas de letras, tão essenciais para a impressão na fonte Tagala, e tiveram grande dificuldade em adquirir algumas letras, dentre as quais, a letra “k.”<sup>39</sup> Em algum momento em 1896, antes da sociedade ser descoberta pelas autoridades (deflagrando a revolução), os Katipunanos estavam usando a letra “k” em seus formulários de adesão, além disso, uma análise mais atenta desses documentos, mostra que a referida letra tem um corpo tipográfico diferente das demais, provando que esta não era comumente achada dentre os tipos de fonte de Manila, a ponto de se conseguir escrever uma página inteira em Tagalo usando ela, algo confirmado pelo historiador Agoncillo.<sup>40</sup> Esse inconveniente e a natureza deliberada do uso do “k” pelos Katipunanos, sugere que seu uso era considerado muito significativo. A forma como a letra “k” per se veio a simbolizar os Katipunanos é ainda mais reveladora quando analisamos algumas de suas bandeiras:



Figura 1. Três dos diversos designs das bandeiras Katipunianas. A figura no meio da última bandeira trata-se da representação do “ka” na escrita Tagala pré-hispânica. (Desenhos do autor, com ajuda de Robeson Bowmani, baseados na Revolta das Massas, de Agoncillo [1996]).

Os Katipunanos frequentemente utilizavam como símbolo as iniciais das 3 palavras de seu nome completo: “Kataastaasan Kagalang-galang Katipunan”, ou “K.K.K.” Embora não fossem todas as bandeiras que continham a letra “k”, esta estava presente na maioria, e em muitos casos, vinha como a única imagem (ver Figura 1).<sup>41</sup>

39 Agoncillo 1996: 81-85.

40 Ibid.: 59-60. Pode-se ver um fenômeno parecido nas páginas do *Espanha Oriental*. Agoncillo confirma que o “k” estava entre aquelas letras as quais a imprensa Katipuniana teve dificuldade em parar de usar, pois era muito comumente usada no Tagalo (Agoncillo 1996: 81).

41 Essas e outras bandeiras são descritas em Agoncillo (1996). Uma bandeira em particular, para nosso interesse, é aquela adotada pela facção “Magdalo” em Cavite, que usou um caractere da escrita Tagala antiga que corresponde à letra “k.” Dado que praticamente ninguém tinha familiaridade com a escrita pré-hispânica, e que não temos evidência que estava sendo usada nesse período, sua aparição na bandeira sugere que sua primeira função era ser um símbolo de diferenciação do Espanhol (e da Espanha), e que deve ter havido ligações entre aqueles que seguiam os estudos linguísticos que produziram a reforma ortográfica e os *Caviteño Katipuneros*.

De fato, o destaque dado à letra “k” nas imagens e documentos Katipunianos implica em ao menos duas observações importantes. Primeiramente, embora os Katipunianos são considerados um movimento do povo, das massas, ao contrário do movimento nacionalista elitista dos propagandistas anteriormente aqui estudados; as suas escolhas ortográficas sugerem uma continuação entre aqueles que criaram a nova ortografia em 1889 e aqueles que comandavam a sociedade Katipunana anos mais tarde.<sup>42</sup> Isso indica que a ideologia Katipunana, ao menos dentre a cúpula dessa popular, porém hierárquica organização, pode ter relação direta com o trabalho dos propagandistas e ilustradores.<sup>43</sup> O fato é que existe a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada para a melhor compreensão entre essa conexão e adoção do “k” pelos Katipunianos – quando esta tinha acabado de ser introduzida e desaparecido do uso comum.

A segunda observação está relacionada à adoção e uso da letra “k” de forma emblemática, vez que este sugere que o imaginário ou diferença visual da escrita Espanhola pode ter sido, em parte, adotado. Desse modo, mesmo que o uso do “k” tenha sido incorporado pela organização revolucionária devido aos seus benefícios pedagógicos, seu uso como emblema mostra a sua significância simbólica. O fato da letra “k” aparecer em bandeiras da sociedade revolucionária destaca uma das funções da ortografia: dar um sentido ou sinalizar<sup>44</sup> a nação. Conforme escrito por Woolard, “Nos países onde a identidade e a nacionalidade estão sendo negociados, todos os aspectos da língua, inclusive sua [...] forma de representação gráfica, podem ser contestadas. O que significa que os sistemas ortográficos [...]

---

42 Tanto Agoncillo (1996) quanto Ileta (1979), naqueles que podem ser considerados os livros mais importantes sobre a Revolução, caracterizam os Katipunianos como um movimento das massas em contraposição ao movimento nacionalista elitista dos propagandistas. May (1991) discorda dessa tese, usando evidências encontradas nos Batangas para afirmar que o apoio pela Revolução era muito forte dentre a elite local, mas o mesmo não poderia ser dito acerca das classes mais baixas, por falta de provas. Anderson (2005) enfatiza a distinção entre os Katipunianos e os projetos ilustrados, mas detalha cuidadosamente evidências que podem ajudar a traçar ligações entre os mesmos.

43 Contudo, é necessário que haja mais pesquisa para que isso seja confirmado; na minha opinião, um dos membros fundadores dos Katipunanos, Deodato Arellano, era um dos links entre o projeto de reforma ortográfica da “elite” e a sociedade Katipuniana “plebeia”. Arellano, em cuja casa os Katipunianos se reuniam, também era um membro da Liga Filipina (organização formada por Jose Rizal), e cunhado de del Pilar (editor do *La Solidaridad*). Arellano tinha sido iniciado na maçonaria por Lopez Jaena em 1890. Ver Agoncillo 1996: 37-48, e Fajardo 1998: 93-94.

44 No original, “flagging”, conforme nota do autor: Faço referência ao uso, de “flagging” por Billig, em 1995, o qual ele adota em parte, de uma leitura de Anderson (1991). É a frase de Billig que eu pego emprestado na seção que estar por vir.

são símbolos que carregam em si, significados históricos, culturais e políticos”.<sup>45</sup> A forma, escrita ou visual, como uma língua é representada – sua ortografia – ajuda a torná-la distinta de outras, de modo que ela seja tida como importante politicamente. Nesse caso, a bandeira com a letra “k” pode ser interpretada como forma de demonstração que a distintividade da língua – sua diferença para o Espanhol – era parte das reivindicações revolucionárias. Temos *nossa* própria língua, deveríamos ter *nosso* próprio governo. Essa distinção é parte do trabalho nacionalista que a ortografia é capaz de realizar; o próprio fato de uma letra do alfabeto se tornar um emblema para a bandeira, sugere que foi particularmente efetivo como símbolo distintivo.

## SINALIZANDO A NAÇÃO

■ Esse trabalho de distinção visual de uma letra como sendo algo diferente e único (e a reivindicação política pela soberania) tem sido parte de várias lutas políticas. A imagem de uma língua pode ser tida como um ponto de orgulho e símbolo da identidade nacional. Isso pode ser percebido quando a escrita de uma língua é unicamente representativa daquela língua, como é o caso da distinta escrita Coreana, *han'gul*. Fouser afirma que “Do final do século dezenove e início do século vinte, a [escrita] *han'gul* é um dos símbolos mais fortes da identidade e Orgulho nacional, Coreano. Qualquer ataque à essa forma escrita, representa um ataque à soberania e ao orgulho do povo Coreano”.<sup>46</sup> Mas no geral, a escrita de uma língua não é contestada quando não usada em nenhuma outra língua, e sim quando uma língua em especial pode ser escrita de duas formas diferentes, cada qual com um significado político. Conforme nos foi demonstrado por Irvin e Gal, a representação visual de um idioma é apenas uma das muitas formas, com o qual este pode ser diferenciado de seus vizinhos por motivos políticos e ideológicos. Ainda assim, por ser uma forma visível (literalmente) de diferenciação, comumente usada, é importante considerá-la isoladamente.<sup>47</sup>

Considera-se que os interesses existem quando uma língua pode ser escrita de acordo com dois sistemas ortográficos diferentes; exemplo: O Cirílico em contração ao alfabeto Romano é o que distingue o Sérvio e o Croata um do outro. Apesar de nenhum alfabeto ser único a nenhuma das línguas, nesse contexto, cada

---

45 Woolard 1998: 23.

46 Fouser 1999: 151.

47 Irvine and Gal 2000.

um deles se torna único quando em contraste com o outro, e quando associado à identidade política.<sup>48</sup> Na Índia Holandesa Oriental, por exemplo, o esforço colonial para romanizar as línguas Malaias (anteriormente, escritas de acordo com o alfabeto Árabe), pode ser interpretado como tentativa de distanciar o arquipélago do mundo do Islã.<sup>49</sup> Contudo, a distinção ortográfica não precisa ser tão extrema, vez que mesmo mudanças pequenas podem ser tidas como emblemáticas e importantes, no trabalho de distinção de uma língua; por exemplo, conforme demonstrado por Vikør, as tensões políticas do início do século dezesseis entre a Dinamarca e a Suécia fez com que a ortografia se tornasse um meio de distinção entre duas línguas, anteriormente muito similares. O “ä” e o “ö” Suecos, versus o “æ” e “ø” Dinamarqueses, constituem “uma diferença que até hoje parece impossível de ser abolida já que funciona como uma marca de identificação”.<sup>50</sup> O fato do grupo dominado (Suecos) estar mais interessado na distinção do que o grupo dominante (Dinamarqueses) ressoa com o caso dos revolucionários nas Filipinas e, como veremos, o trabalho de distinção ortográfica tem frequentemente sido atrativo para aqueles que buscam se afirmarem como soberanos frente à dominação estrangeira, colonial ou imperial.

Já no contexto pós colônia, as discussões ortográficas tendem a focar na relação entre a (nova) língua nacional e a língua do antiga colonizador, mesmo (e, talvez, principalmente) quando essas línguas aparentam ser as mesmas. Por exemplo nos Estados espanhóis americanos, acadêmicos debatiam a existência ou não de diferentes línguas espanholas americanas (ou mesmo uma língua espanhola americana), que tivessem pronúncia e escritas diferentes daquela encontrada na língua da Península (castelhano).<sup>51</sup> Para esses novos republicanos americanos, estabelecer a distintividade de uma língua (ou línguas) “americana”, fazia parte do projeto de estabelecer e codificar diferenças entra a nação (ou nações) da península e as das Américas. A especificação dessas diferenças foi mais difícil e urgente devido à origem crioula da nação e do nacionalismo. Assim, a discussão envolvia tanto a origem da língua (seria a língua americana, castelhana, ou uma língua distinta?) e sua representação (deveria ser parecida com o espanhol, ou deveria ter convenções ortográficas diferentes?). Uma discussão semelhante se deu nas

---

48 Franolic 1983.

49 Para uma rica discussão histórica e teórica sobre a reforma ortográfica em Minangkabau e na língua Malai genericamente, ver Hadler 2000. Para o histórico das reformas ortográficas e a criação da língua Indonésia/Malai, ver Vikør 1988.

50 Vikør 2000: 109.

51 Bello 1890; Bello e Jaksic 1997; Velleman 2002.

colônias da América anglo-fônica (do Norte) após se tornarem uma república pós-colonial, momento em que alguns votaram por “uma nova língua para uma nova república – uma língua federativa, como era chamada”.<sup>52</sup> Apesar de ter perdido a força, a perseverança de Noah Webster tem como legado é que o fato de os americanos irem ao “theater” ao invés de ao “theatre”. Apesar das diferenças ortográficas entre o inglês americano e o britânico serem mínimas, elas constituem “de longe, a maior e mais bem-sucedida reforma na ocorrida na língua inglesa, e pouco se duvida que isso se deu a partir de um desejo espontâneo de reforçar a nova identidade nacional através de uma nova língua nacional”.<sup>53</sup>

As reformas de Webster da língua Inglesa nos remetem a um importante aspecto dos movimentos de reforma ortográfica, que nos escaparia se nos focássemos apenas nas qualidades representacionais. As reformas ortográficas sempre recorrem ao valor da racionalização das línguas. Por exemplo, Webster esperava conseguir realizar uma mudança mais radical no inglês pois ele pretendia “o equilíbrio perfeito”, e Rizal, tinha escrito que ele queria fazer com que a ortografia Tagala “mais racional e lógica”.<sup>54</sup> Em um mundo linguístico no qual o equilíbrio e status dedicado às línguas Europeias, excluindo as pertencentes a outros lugares, um equilíbrio ortográfico ao Tagalo poderia destacar, o que era pensado por alguns linguistas da época, incluindo Pardo de Tavera, que o Tagalo se encontrava em um estágio avançado, perto da “perfeição” como uma língua, devendo ser considerado apto a acompanhar uma civilização atualmente avançada.<sup>55</sup>

Mas uma consequência mais prática de racionalizar a ortografia, era a facilidade que traria para a alfabetização. Nas palavras de Rizal, um dos objetivos de racionalizar a língua era para “simplificar e facilitar a educação das crianças”.<sup>56</sup> Da mesma forma, Del Pilar e Serrano Laktaw, também defendiam a ideia de deixar a ortografia Tagala mais racional, equilibrada e simples, na medida em que enfatizavam as possibilidades de uma alfabetização mais difundida.<sup>57</sup> O impulso para uma alfabetização difusa também era um fator importante no processo de racionalização e padronização das maiores línguas Europeias, que por sua vez, eram frequentemente associadas ao desejo de padronização das variantes de uma

---

52 Ayto 1983: 94; ver também Edgerton 1943.

53 Ayto 1983: 95.

54 Webster 1786, conforme citado em Ayto 1983: 95; Rizal 1890b: 88.

55 Pardo de Tavera 1887: 10.

56 Rizal 1890b: 88.

57 Observe que isso distingue esses autores de Pardo de Tavera, cujas justificações tendiam para a precisão e legitimidade científica, tendo em vista “provas” linguísticas.

língua. Na França, conforme explicitado por Eugen Weber, os esforços pela alfabetização foram essenciais no fomento de uma identidade nacional padronizada no século dezanove: uma ortografia padronizada era parte do arsenal usado pelo Estado para transformar os camponeses em homens franceses.<sup>58</sup> Apesar das reivindicações pela padronização do Inglês terem começado muito antes do século dezanove, foi somente nele que essa noção foi efetivamente implementada em nome da alfabetização em massa.<sup>59</sup> Contudo, mesmo que em ambos os casos a padronização envolvesse privilegiar uma língua falada uniformemente, em detrimento de variantes regionais, os reformistas ortográficos do inglês do século dezanove, assim como seus equivalentes filipinos, estavam preocupados em buscar um “alfabeto perfeito” para a língua Inglesa.<sup>60</sup>

Faz sentido que as reivindicações pela alfabetização, racionalização e padronização tenham sido feitas por aqueles que posteriormente reformariam o Tagalo, posto que, além de seus interesses na racionalização nacional estarem alinhados com das reformas linguísticas nos demais lugares durante o século dezanove; seus objetivos também eram congruentes com suas reivindicações acerca da busca de mudanças relacionadas às estruturas administrativas espanholas nas Filipinas. Contudo, conforme demonstrado pelos segundos revolucionários anticoloniais Katipunos, a ortografia, sozinha, sugere uma interpretação diferente daquela que seria feita pelos propagandistas reformistas. Então voltando ao nosso primeiro exemplo, apesar dos protestos daqueles que defendiam a mudança ortográfica para a letra “k”, esta acaba se tornando um signo distintivo, um símbolo que distingue visivelmente, a língua local da língua dos colonizadores: o Tagalo reproduzido na forma de acordo com as regras da ortografia Castelhana, era repleto de “qu” e “c”, enquanto que quando reproduzido nos moldes da ortografia reformada, fica repleto de “k.” No entanto, a mudança para a letra “k” não só alterou a forma das palavras Tagalas, como também ajudou a esconder a origem Espanhola presente em muitas delas.<sup>61</sup> Conforme veremos, o “k” promove o mesmo tipo de “amnésia” ou outras ortografias pós-coloniais; mas antes de analisarmos esses outros exemplos, precisamos entender como se deu esse “apagão” no Tagalo.

---

58 Weber está pouco interessado em ortografia per se, e sim no problema da educação das massas, conforme revelado por um artigo citado por ele, ao reclamar que algumas crianças “falham em entender o que eles liam, ou em reconhecer na escrita, algumas palavras que eles conheciam quando a ortografia era estrangeira” (Weber 1976: 337).

59 Crowley 1989: 102.

60 Transcrições da Sociedade Filológica 1842-44, conforme citado em Crowley 1989: 80.

61 Agradecimento à Ben Anderson por me atentar para esse aspecto da ortografia.

## DO CASTELHANO AO TAGALO

■ Conforme ocorre em muitos idiomas, as origens de muitos radicais Tagalos podem ser remetidas à outras línguas. No Tagalo que é falado atualmente, as origens remetem à Sânscrito, Malaio, Árabe, Chinês (Fukien), Inglês e Castelhana, sendo esta última, a predominante.<sup>62</sup> São termos que as vezes não tem nenhum equivalente pré-hispânico (como *relo* ou *relas* para “relojo”, do Castelhana *reloj*), mas essas palavras Castelhanas modernas não foram as únicas que se tornaram radicais Tagalos. O sucesso da nova ortografia, dificultou muito a distinção exclusivamente visual das origens Espanholas em muitas das palavras mais comuns do Tagalo, por exemplo: A expressão Castelhana ¿Cómo está? (Como está?), se tornou *kumusta*. Como esses radicais Castelhanos do Tagalo só foram considerados pelos linguistas mais conservadores, como parte do idioma Tagalo muito recentemente, eles não foram capazes de introduzir uma versão da língua na época da nossa história.

É elucidativo observar como as palavras Castelhanas foram tratadas no texto Tagalo do *Espanha Oriental*. A maioria daquelas, para as quais não havia um equivalente em Tagalo, foram escritas em itálico, que tinha por objetivo demarcá-las como sendo “estrangeiras”. Pegando exemplos da primeira página, da primeira edição, temos “*prensa*” (prensa), “*Evangelio*” (Evangelho), “*gobierno*” (Governo), “*administracion*” (Administração), e “*ciencia*” (Ciência). Mas tinham outras palavras de origem e derivação Castelhana da coluna Tagala, na mesma página do texto as quais os tradutores optaram por não colocar em itálico, tais quais: “*kastilang*” (“Castelão”, de “Castela”), “*arteng*” (“arte”, da arte), e “*industria*” (“indústria”). Em contraste com aquelas que foram colocadas em Itálico, essas palavras combinavam com o texto – algumas tiveram os sufixos adicionadas em acordo com as regras gramaticais Tagalas – de uma certa forma, isso sugere que elas já eram consideradas Tagalas. O primeiro desses exemplos é o mais elucidativo: a nova ortografia mudou *Castilla* para *Kastilla*.<sup>63</sup> Enquanto a nova ortografia é capaz de facilitar a identificação do radical Tagalo em uma palavra Tagala (parafraseando a caracterização da utilidade de Pardo de Tavera), esta não fez o mesmo

62 Wolff 2001.

63 “*Kastilang*” significa, de forma mais generalista, “espanhol”. Isso nos lembra que a diferença na ortografia, nesse caso e em outros, pode apontar a diferença de significado entre as palavras emprestadas e sua versão indígena. Eu agradeço à David Akin por chamar minha atenção para isso.



com relação à identificação de radicais Castelhanos nas palavras Tagalas; pelo contrário, as palavras com “k” servem para mascarar a origem Espanhola de palavras Tagalas: com o advento do “k” na nova ortografia, os radicais Espanhóis, se transformaram, de modo a não parecer mais serem Espanhóis. A nova ortografia aceitava as palavras Castelhanas, mas enquanto palavras Tagalas que escondiam a sua origem Espanhola. Era mais fácil para o Tagalo, uma língua que pegou muitas palavras emprestadas do Castelhana, ter seu próprio vocabulário, diferente deste (ao menos na escrita). Ao cortar todas as ligações entre o Castelhana e o Tagalo, anteriormente visíveis nos formatos das palavras, a nova ortografia realiza a separação entre essas duas línguas. Nesse sentido, a nova ortografia foi uma “traidora”, em relação à Espanha e à língua espanhola.

Os escritores da *Revista Católica* protestaram no sentido de que a nova ortografia era desleal à Espanha, mas nunca reclamaram dessa separação. Eles reclamaram que sob as novas regras, a língua ficou mais parecida com outras línguas estrangeiras como o alemão, francês ou inglês, mesmo que talvez, a maior ameaça era que o Tagalo se tornasse uma língua estrangeira, estranha à Espanha – não alemã, francesa ou inglesa, e sim, menos espanhola. Então, por qual motivo, os escritores da *Revista Católica*, tão leais à Espanha e cheios de vontade de questionar tal lealdade em seus concorrentes, não fizeram essa reclamação? Talvez por que acreditaram que imputando conexões alemãs em seus concorrentes – os defensores da nova ortografia – seria mais danoso do que chamá-los de anti-Espanha.

Mas vale a pena considerar uma outra possibilidade: a de que talvez, foi o seu patriotismo ao Tagalo que os impediu de chamar atenção para o fato de como o “k” desfigurava as palavras Castelhanas, parte do vocabulário Tagalo. Reclamar que as palavras Espanholas não seriam mais reconhecidas, seria, no final das contas, consentir implicitamente que elas eram uma parte importante do idioma Tagalo – Tagalo “puro” não expressava a extinção de termos que um Tagalo educado precisaria na cidade cosmopolita de Manila. Desse modo, o Tagalo já não era mais o Tagalo “puro” já que isso não era mais possível em um mundo de mudanças tecnológicas e desenvolvimento econômico. O Tagalo tão amado pelos escritores da *Revista Católica*, era o mesmo que aparecia na obra “Florante at Laura” de Baltasar – o Tagalo “clássico”, apropriado para romances poéticos, mas não para descrever o movimento código penal ou explicar as últimas técnicas agrícolas. Nesse sentido, habitar a des-hispanização de palavras Tagalas emprestadas, pode significar chamar atenção para as limitações do Tagalo “puro” ou “clássico”; se a

linguagem era a essência de seus falantes, então do Tagalo poderia ser identificado como sendo pré-moderno, simples, ou não sofisticado.<sup>64</sup>

#### “K”ÉPARADES–KOLONIZAÇÃO

■ A tensão entre os escritores da *Revista Católica* e aqueles que defendiam a nova ortografia se repete, de diferentes formas, em outros tempos e lugares, onde a reforma ortográfica está em discussão. Os primeiros tinham uma posição que preservaria a continuidade histórica dos escritos Tagalos já existentes. Ambas as partes do debate afirmavam que as suas respectivas posições promoveriam a alfabetização. Aqueles que defendiam a nova ortografia divulgavam o princípio da simplicidade e consistência existente na transformação de sons em palavras. Mas talvez, o aspecto mais significante da nova ortografia seja sua aparência tão distintiva. Podemos encontrar a letra “k” especificamente, produzindo os mesmos efeitos em ortografias de outras línguas de países pós-coloniais e estados-nação nos quais a língua do colonizador foi enraizada, em vários níveis, na língua originária.

Por exemplo, um objeto de discussão e resolução na Conferência sobre as escritas Quíchua e Aimara em 1983, foi de que forma distanciar o máximo possível do Espanhol, essas línguas indígenas do Peru – língua do antigo colonizador Europeu e a língua da formação política que dominou esses grupos indígenas na nação pós-colonial,<sup>65</sup> respectivamente. Uma das soluções do congresso foi a de substituir as palavras emprestadas do Espanhol por palavras elaboradas a partir dos radicais indígenas Quíchua e Aimara; quando não fosse possível, as palavras emprestadas deveriam ser escritas de acordo com as regras ortográficas Quíchua e Aimara.<sup>66</sup> Em outras palavras, a ortografia tinha como objetivo explícito, distanciar a aparência escrita das línguas indígenas das Espanholas. Nomeadamente, o congresso resolveu pelo uso do “k” ao invés de usar “c” ou “qu”, decisão na qual, juntamente com outras, destacou a busca pela autonomia dos falantes do Quíchua e do Aimara, e seus “esforços pela sua recuperação material, política e

64 Irvine e Gal descrevem como os linguístas Europeus do século dezenove “supostamente explicavam [...] as características e relações específicas de três diferentes línguas Senegalesas ao se referirem à “hierarquia putativa das essências raciais” cujos falantes se tornaram representantes (2000: 55). Os editores da *Revista Católica* podem ter tentado evitar a possibilidade de uma língua deficiente ser associada com uma essência deficiente, uma associação que alguns Manilhas mais desagradáveis e jornalistas Peninsulares Espanhóis racistas estavam ansiosos para fazer.

65 Hornberger 1993: 243-49.

66 Ibid.: 248-49.

social”.<sup>67</sup> Da mesma forma, discussões sobre as línguas Maias revelaram a importância da representação simbólica do “k” em relação ao legado deixado pelo colonialismo espanhol.<sup>68</sup> Em uma conferência sobre os falantes da língua Maia, em 1987, o uso do “k” versus “c” e “qu” estava dentre os tópicos mais controversos; o sistema escolhido na conferência era aquele que conservava as letras Romanas (considerando a disponibilidade da tecnologia para reproduzi-la), mas que adotava o “k” no lugar do “c” e “qu”, “pois demonstrava menor influência do Espanhol [...] eliminando correspondências espanholas óbvias e impostas”.<sup>69</sup> Os delegados presentes da conferência rejeitaram as conclusões ortográficas e políticas de uma conferência sobre linguística anterior, no início de 1949, segundo a qual o “c” e o “qu” deveriam ser conservados como um esforço para “usar ... símbolos ortográficos Espanhóis ... como um meio de integração nacional”<sup>70</sup> Assim, nos casos em que o “c” e o “qu” eram preservados, o objetivo era de proteger a conformidade com o Espanhol; em contraposição, quando a letra “k” era usada, era justificado, em parte, pelo desejo de diminuir a influência (seja lexicográfica ou política) da mencionada língua colonial. Para os falantes de línguas indígenas, o Espanhol era uma língua duplamente colonial: dos conquistadores e dos estados-nação contemporâneos.

Os idiomas Tagalo, Quíchua, Aimara e Maia são exemplos de línguas existentes antes da conquista espanhola, e que deliberadamente adotaram algumas palavras pertencentes originariamente ao idioma colonizador. Nesses casos, a mudança ortográfica do uso do “c” e “qu” para “k” representa um símbolo da língua pré-hispânica. Contudo, o afastamento ortográfico da língua do colonizador se torna ainda mais acentuado nos casos em que a língua foi criada a partir do colonialismo, como é o caso do Crioulo haitiano (*kreyòl*). Conforme observado por Schieffelin e Doucet, o *kreyòl*, enquanto idioma, tem uma gramática derivada das línguas advindas da região Oeste da África, com um léxico, em grande parte, francês.<sup>71</sup> Então, mudando as regras ortográficas do *kreyòl*, a língua passa a ser, em sua representação visual, distinta do francês, o que pode ser percebido na mudan-

67 Ibid.: 249.

68 *Lenguas Mayas* 1988; Richards 1993.

69 Richards 1993: 214; ver também *Lenguas Mayas* 1988: 33.

70 Richards 1993: 208; ver também *Lenguas Mayas* 1988: 27.

71 Schieffelin e Charlier Doucet 1994: 178. Phillip Angermeyer chamou minha atenção às semelhanças desse caso com o do Tagalo, e esse artigo, que originalmente me inspirou a procurar o uso do “k” em outros casos.

ça da forma escrita do próprio nome do idioma: *creole*, de ortografia francesa, vira *kreyòl*, na òtograf ofisyèl (ortografia oficial) do Haiti.<sup>72</sup>

Existe um outro exemplo que pode nos ajudar a enxergar a importância da separação visual, e com isso, distinção política que o uso do “k” proporciona. Na Nova Caledônia de 1960, um movimento independente em ascensão, com base em uma identidade pan-Melanesiana, se autoneomeou “*Kanak*”. “O novo nome” segundo Clifford, “é uma apropriação crítica da rotulação generalista colonial francesa ‘*Canaque*’”.<sup>73</sup> Aqui, o “k” indica a re-apropriação crítica do francês, bem como a diferença entre um termo que mostra que os colonizadores sequer distinguiam os vários grupos etno-linguísticos existentes na área, e um termo que indica a estratégia de afinidade política e cultural aplicada pelos membros desses grupos contra a dominação colonial.

Até onde se sabe, em nenhum desses casos, aqueles que defendiam as reformas citaram precedentes com outras línguas as quais mudaram do “c” ou “qu” para o “k”; se eles conheciam estes precedentes, desconheço. Contudo, o fato dos esforços ortográficos em todos esses casos envolverem a mesma letra não é mera coincidência. Em todos os casos, a letra “k” era estranha à língua colonizadora, seja ela o francês ou o espanhol; ou seja, na época que esses países estavam no ramo da Colonização, a letra “k” não pertencia nem à ortografia francesa, nem à espanhola (ambas as quais preferiam o “c”), enquanto que o alemão optava pelo uso do “k” ao “c”, e o inglês usava ambas as formas, irregularmente.<sup>74</sup> Assim, com o advento das ortografias anticoloniais, o “k”, sozinho, simbolizava algo que não era nem espanhol, nem francês. Comparativamente, podemos levar em consideração as divergências acerca da língua Córnic. Os defensores da reutilização desta última estão divididos acerca de qual sistema ortográfico seria melhor; uma das questões mais significantes é se usam ou não a letra “k”. Os que defendem que sim, (com seus antecessores Filipinos do século dezanove) são a favor de um sistema baseado na representação racional das unidades fonéticas básicas, e afirmam que a escrita é mais e mais adequada à pronúncia.<sup>75</sup> Contudo, o que falta nos defensores do “k” nesse caso, é tanto a urgência política em padronizar e distinguir a sua língua, e a capacidade de distingui-la visivelmente da língua do “colonizador”

72 Ibid.: 193.

73 Clifford 2000: 106.

74 Como isso veio à tona é uma história complexa e interessante, mas para contá-la seriam necessários mais detalhes que o espaço daqui permite. Eu faço referência, para um início, aos verbetes de “K,” “C,” e “Q” no *Oxford English Dictionary*, 1989.

75 Lyall 2005.

(inglês) através do uso do “k.” Nesse sentido, para a maioria, é muito improvável que o Córnico venha a se tornar o Kórnico.

Ante o exposto, uma combinação de acidentes e circunstâncias históricas fazem do “k” um importante elemento de contestação ortográfica; o predomínio das colonizações francesas e espanholas ao redor do mundo inseriu muitos “c” e “qu” em diversas línguas durante a era colonial, as quais, desde de então, adotaram, como parte de um movimento pela descolonização, uma ortografia baseada no Alfabeto Fonético Internacional (AFI). Fruto de uma linguística moderna e movimentos de reforma linguística, o AFI foi desenvolvido em 1888 (pouco antes do “k” ser introduzido no Tagalo) como uma ferramenta que permite que qualquer língua seja registrada de acordo com um padrão comum. O AFI surgiu de algumas das mesmas atividades acadêmicas nas quais Rizal e Pardo de Tavera desenvolveram suas habilidades comparativas e a consequente ideia de usar a letra “k”, a qual estava sendo usada em trabalhos em Sânscrito com os quais Pardo de Tavera fez o estudo comparado do Tagalo. Apesar do AFI ter sido primeiramente apresentado na França (um país de língua “Latina”), o alfabeto representava, em parte através do uso da letra “k”, a predominância do inglês e do alemão para a ciência linguística. Um dos academicistas linguistas, o prussiano, Lepsius, já tinha desenvolvido, anos antes da codificação do AFI, um alfabeto cuja intenção era de registrar todas as línguas do mundo com um alfabeto uniforme, independentemente da ortografia utilizada na língua original (presumidamente da Europa Ocidental). Seu trabalho destaca outro importante aspecto acerca da padronização e reforma ortográfica, particularmente relevante para o “k.”

Lepsius explicou que a necessidade de um alfabeto padronizado advinha do fato da diversidade ortográfica, a qual ele chamava de “principais alfabetos europeus” estava obstruindo o trabalho da ciência linguística. A letra “c”, ele observou, era uma que, “particularmente”, “não deveria ser admitida em um alfabeto comum”, pois tinha “valores diferentes em cada um dos principais alfabetos europeus”.<sup>76</sup> De modo que o “k” era preferido, em detrimento do “c.” Lepsius, ao mesmo tempo em que se preocupava com o fato de que a existência de diferentes ortografias Europeias impedia os acadêmicos de utilizarem os textos uns dos outros, ele também acreditava que um alfabeto padronizado tornaria possível o compartilhamento de textos por missionários Europeus.<sup>77</sup> Assim, pode-se afirmar que o AFI era tanto um produto pertencente à atividade missionária quanto à

76 Lepsius 1855: 32.

77 Ibid.: 1-8, 32.

ciência linguística comparativa. Neste ponto, vale ressaltar que a história do “k” é uma que está limitada à contextos coloniais particulares por motivos de histórico das conquistas liguísticas e religiosas. Apesar dos idiomas Tagalo, Quíchua, Aimara, e Maia terem mudado para o uso do “k” a fim de se diferenciarem do Espanhol, cabe lembrar que a colonização dessas áreas e pessoas foi tanto católica, quanto foi espanhola. Em muitas línguas africanas, a romanização também foi uma ferramenta dos missionários cristãos (logo, a preocupação de Lepsius que os alfabetos fossem padronizados), mas nesse continente, os missionários eram, em sua maioria, protestantes ávidos para traduzir a Bíblia para as línguas locais.<sup>78</sup> Estes por sua vez, geralmente falantes do inglês, alemão ou holandês, teriam usado o “k” de acordo com as regras ortográficas de suas línguas originais, de modo que, o fato de muitas línguas africanas usarem o “k”, é tanto produto da colonização Europeia e Cristã, quanto o é a utilização do “c” e do “qu” nas áreas colonizadas pela Espanha e França.

Claramente o, “k” não representa a descolonização em todos os tempos e lugares. Se o “k” tem aparência distinta daquela presente na linguagem romançada, e isso for parte do trabalho da ortografia nacionalista anticolonial, talvez se perceba que mesmo no Inglês – que frequentemente, porém nem sempre, utiliza o “k” – esta última pode ser visivelmente distinta por motivos políticos ou de propaganda. Por vezes, os nomes de produtos são escritos com “k” para transformar uma palavra do inglês, em uma marca distintiva (“*Krazy Korn*”). Significativamente, enquanto o “k” do “Ku Klux Klan” provavelmente tem sua origem no grego (não no alemão), a distinção visual do “k”, bem como aquela presente na terminologia *Klan* (tem como versão, “*Klaverns*”, por exemplo), podem funcionar da mesma forma, a fim de impulsionar os membros do grupo a se sentirem distintos de pessoas de fora. A associação do grupo com a letra “k” foi tão forte que, no início dos anos 1960, aqueles que eram esquerdistas nos Estados Unidos falavam das injustiças do país se referindo a ele como “Amerika”.<sup>79</sup> Contudo, em lugares colonizados pela língua “Latina” (e pessoas associadas a ela), percebemos que, através da combinação de circunstâncias históricas e propriedades formais de línguas faladas e escritas, surgiu, através do uso da letra “k”, um tipo de nacionalismo e descolonização ortográficos.

78 Ver, por exemplo, Chimhundu 1992; e Hair 1987.

79 Ver “Amerika” in the Oxford English Dictionary, 1989.

## REFERÊNCIAS

- Agoncillo, Teodoro A. 1996. *The Revolt of the Masses: The Story of Bonifacio and the Katipunan*. Quezon City: University of the Philippines Press.
- Anderson, Benedict R. O'G. 1991. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (Rev. ed.). London: Verso.
- . 2005. *Under Three Flags: Anarchism and the Anti-Colonial Imagination*. London: Verso.
- Ayto, John. 1983. English: Failures of Language Reforms. In, I. Fodor and C. Hage`ge, eds., *Language Reform: History and Future*, vol. 1. Hamburg: Buske, 85–100.
- Bello, Andrés. 1890. *Principios de la Ortología y Métrica de la Lengua Castellana, Obras Completas*. Madrid: M. Tello.
- Bello, Andrés and Ivan Jaksic. 1997. *Selected Writings of Andrés Bello*. F. M. López-Morillas, trans. Oxford: Oxford University Press.
- Billig, Michael. 1995. *Banal Nationalism*. London: Sage Publications. Chimhundu, Herbert. 1992. Early Missionaries and the Ethno-Linguistic Factor during the 'Invention of Tribalism' in Zimbabwe. *The Journal of African History* 33, 1:87 – 109.
- Clifford, James. 2000. Taking Identity Politics Seriously: 'The Contradictory, Stony Ground. . . .' In, P. Gilroy, L. Grooderg, and A. McRoddie, eds., *Without Guarantees: Essays in Honor of Stuart Hall*. New York: Verso.
- Crowley, Tony. 1989. *Standard English and the Politics of Language*. Urbana: University of Illinois Press.
- Edgerton, Franklin. 1943. Notes on Early American Work in Linguistics. *Proceedings of the American Philosophical Society* 87, 1: 25–34.
- Fajardo, Reynold S. 1998. *The Brethren: Masons in the Struggle for Philippine Independence*. Hong Kong: Enrique L. Locsin and the Grand Lodge of Free and Accepted Masons of the Philippines.
- Fouser, Robert J. 1999. Nationalism and Globalism in Transliteration Systems: Romanization Debates in Korea. *Language Research* (Seoul) 35, 1: 151–7.
- Franolic, Branko. 1983. The Development of Literary Croatian and Serbian. In, I. Fodor and C. Hage`ge, eds., *Language Reform: History and Future*, vol. II. Hamburg: Buske, 85–112.
- Hadler, Jeffrey. 2000. *The Discipline of Language*. In, *Places like Home: Islam, Matriliney, and History of Family in Minangkabau*. Ph.D. diss., Dept. of History, Cornell University.
- Hair, P.E.H. 1987. Colonial Freetown and the Study of African Languages. *Africa: Journal of the International African Institute* 57, 4: 560–65.
- Hindí Alemán (pseudonym). 1889. Un Parentesis á la Ortografía del Idioma Tagalo. *Revista Católica de Filipinas* 28 July, vol. 2: 50.

Hornberger, Nancy M. 1993. The First Workshop on Quechua and Aimara Writing. In, J. A. Fishman, ed., *The Earliest Stage of Language Planning: The "First Congress" Phenomenon*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Ileto, Reynaldo C. 1979. *Pasyon and Revolution: Popular Movements in the Philippines, 1840–1910*. Quezon City: Ateneo de Manila University Press.

Irvine, Judith T. and Susan Gal. 2000. Language Ideology and Linguistic Differentiation. In, P. V. Kroskrity, ed., *Regimes of Language: Ideologies, Politics, and Identities*. Santa Fe: School of the Americas Research Press, 35–83.

Lenguas Mayas de Guatemala: Documento de Referencia para la Pronunciación de los Nuevos Alfabetos Oficiales. 1988. Guatemala: Instituto Indigenista Nacional, Ministerio de Cultura y Deportes.

Lepsius, R. 1855. *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters*. London: Seeleys.

Lumbera, Bienvenido L. 1986. *Tagalog Poetry 1570–1898: Tradition and Influences in Its Development*. Quezon City: Ateneo de Manila University Press.

Lyll, Sarah. 2005. Saving Cornish: But Stop. Isn't that Spelled with a K? *New York Times* 17 Nov: 4.

May, Glenn. 1991. *Battle for Batangas*. New Haven: Yale University Press. *Nuestros Propósitos*. 1889. *La España Oriental* 4 July, vol. 1: 1–3. *Oxford English Dictionary*. 1989. <http://dictionary.oed.com>. Accessed 3 Apr. 2006. Pardo de Tavera, Trinidad H. 1884. *Contribucion para el Estudio de los Antiguos Alfabetos Filipinos*. Losana: Imprenta de Juanin Hermanos.

———. 1887. *El Sanscrito en la Lengua Tagalog*. Paris: Imprimerie de la Faculté de Médecine, A. Davy.

———. 1994. *Biblioteca Filipina*. Manila: National Historical Institute. del Pilar y Gatmaytan, Marcelo H. 1889. Prólogo. In, P. Serrano Laktaw, *Diccionario Hispano-tagalog*. Manila: Estab. tipográfico "La Opinión" á cargo de G. Bautista.

Poblete, Pascual. 1889. Un Tercero en Discordia. *Revista Católica de Filipinas* 28 July, vol. 2: 52.

Rafael, Vicente. 2005. *The Promise of the Foreign: Nationalism and the Technics of Translation in the Spanish Philippines*. Durham: Duke University Press.

Richards, Julia B. 1993. The First Congress of Mayan Languages of Guatemala (1949). In, J. A. Fishman, ed., *The Earliest Stage of Language Planning: The "First Congress" Phenomenon*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Rizal, José. 1890a. Al Excmo. Señor Don Vicente Barrantes. *La Solidaridad* 15 Feb., vol. 2: 30–33.

———. 1890b. Sobre la Nueva Ortografía de la Lengua Tagalog (Carta á mis paisanos). *La Solidaridad* 15 Apr., vol. 2: 88–92.

———. 1930. *Epistolario Rizalino (Vol. 1)*. Manila: Bureau of Printing.



- . 1931. *Epistolario Rizalino* (Vol. 2). Manila: Bureau of Printing.
- . 1958. *Noli me Tángere*: Novela Tagala. Quezon City: R. Martínez and Sons.
- . 1961. *Escritos Varios por José Rizal*, segunda parte, vol. 8. Manila: Comisión Nacional del Centenario de José Rizal.
- Rizal, José, and Ferdinand Blumentritt. 1961. *The Rizal-Blumentritt Correspondence*, vol. 2, pt. 1. E. Alonza, trans. Manila: José Rizal National Centennial Commission.
- Sánchez Gómez, Luis Á. 1987. La Etnografía de Filipinas desde la Administración Colonial Española. *Revista de Indias* 47, 179: 157-85.
- Sarkisyanz, Manuel. 1995. *Rizal and Republican Spain and other Rizalist Essays*. Manila: National Historical Institute.
- Schieffelin, Bambi. B and Rachele Charlier Doucet. 1994. The “Real” Haitian Creole: Ideology, Metalinguistics, and Orthographic Choice. *American Ethnologist* 21, 1: 176 – 200.
- Schumacher, John N., S. J. 1991. *The Making of a Nation: Essays on Nineteenth- Century Filipino Nationalism*. Manila: Ateneo de Manila University Press.
- . 1997. *The Propaganda Movement, 1880–1895: The Creation of a Filipino Consciousness, the Making of the Revolution* (rev. ed.). Manila: Ateneo de Manila University Press.
- Serrano Laktaw, Pedro. 1889. *Diccionario Hispano-tagalog*, vol. 1. Manila: Estab. tipográfico “La Opinión” á cargo de G. Bautista.
- La Solidaridad*. 1996. Ganson, G. F. and Mañeru, L., trans. 7 vols. Manila: Fundación Santiago.
- Tecson y Santiago, P. 1889a. Erratas Garrafales de La España Oriental. *Revista Católica de Filipinas* 15 Sept., vol. 2: 170.
- . 1889b. Ortografía del Idioma Tagalog. *Revista Católica de Filipinas* 14 July: vol. 2, 17.
- Thomas, Megan C. 2006. Isabelo de los Reyes and the Philippine Contemporaries of *La Solidaridad*. *Philippine Studies* 54, 3: 381–411.
- Velleman, Barry L. 2002. Linguistic Anti-Academicism and Hispanic Community. In, J. del Valle and L. Gabriel-Stheeman, eds., *The Battle over Spanish between 1800 and 2000: Language Ideologies and Hispanic Intellectuals*. London and New York: Routledge, 14-41.
- Vikør, Lars S. 1988. *Perfecting Spelling: Spelling Discussions and Reforms in Indonesia and Malaysia 1900–1972*. Dordrecht: Foris Publications.
- . 2000. Northern Europe: Languages as Prime Markers of Ethnic and National Identity. In, S. Barbour and C. Carmichael, eds., *Language and Nationalism in Europe*. Oxford: Oxford University Press, 105–29.
- Weber, Eugene. 1976. *Peasants into Frenchmen: The Modernization of Rural France, 1870–1914*. Stanford: Stanford University Press.

Wolff, John U. 2001. The Influence of Spanish on Tagalog. In, K. Zimmerman and, T. Stolz, eds., *Lo Propio y lo Ajeno en las Lenguas Austronésicas y Amerindias: Procesos Interculturales en el Contacto de Lenguas Indígenas con el Español en el Pacífico e Hispanoamérica*. Madrid: Iberoamericana, 233-52.

Woolard, Kathryn A. 1998. Language Ideology as a Field of Inquiry. In, B. B. Schieffelin, K. A. Woolard, and P. V. Kroskrity, eds., *Language Ideologies: Practice and Theory*. Oxford: Oxford University Press.